

Impactos da expansão urbana nos espaços cemiteriais em Uberlândia nas décadas 1940 e 1950

RENATO RODRIGUES FAROFA¹

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo fazer a análise dos novos projetos urbanos nas décadas de 1940 e 1950 em Uberlândia relacionando-os com os espaços cemiteriais da cidade. A pesquisa apresentará como os projetos, baseados fortemente na especulação imobiliária, acabaram por atingir os cemitérios existentes, ao ponto de um destes ser definitivamente extinto, por estar próximo demais do centro da cidade. Nesse recorte temporal o trabalho tentará investigar as razões pelas quais o denominado “velho” cemitério, inaugurado em 1898, deixa de existir, além de buscar as explicações para o fato de o cemitério municipal edificado em 1928, depois denominado de “São Pedro”, passar a receber outros melhoramentos, e por fim trata da edificação de uma outra necrópole, o Cemitério São Paulo em 1954.

Palavras-chave: Cemitérios; Urbanismo; Progresso.

Abstract: This paper aims at undertaking an analysis of the then new urban projects in the decades of 1940s and 1950s in Uberlândia, relating them to cemeterial spaces in the city. The research will show how the aforementioned projects, strongly based on real-estate speculation, ended up causing an impact on the then existing cemeteries to the point that one of them was extinct, due to its proximity to the city downtown. Focusing on the indicated period, the paper will attempt to investigate the reasons by which the so called “old” cemetery, inaugurated in 1898, came to an end. Besides, this study will search for explanations for the improvements of the municipal cemetery created in 1928, later called “São Pedro”, and addresses the edification of another necropolis, the São Paulo Cemetery in 1954.

Keywords: Cemetery; Urbanism; Progress.

Recebido em 28/02/2018 e aceito em 06/10/2019.

1. Mestre em História Social pelo programa de Pós-graduação pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: renatofarofa@yahoo.com.br

A crônica, *Para os vivos e para os mortos*, relata o espírito das administrações de Uberlândia nas décadas de 1940 e 1950. Como bem apresenta o título da reportagem, de uma forma sucinta demonstra ao leitor o tratamento dado a determinada região da cidade e de um dos seus cemitérios. O texto que segue abaixo ajuda a compreender de que maneira as gestões de Uberlândia no período trabalharam a questão que envolvia a cidade dos vivos e as moradas dos mortos.

Para os vivos e para os mortos.. Na entrevista concedida aos jornalistas de Uberlândia..., o prefeito Vasconcelos Costa declarou que pretende pavimentar e arborizar a Avenida Araguaia, desde a Praça Carneiro... O seu nome antigo era Avenida da Saudade. Talvez o prefeito não tenha refletido bem na origem dessa designação, que tinha por fim prestar homenagem a todos os mortos coletivamente, visto ser a última em que transitam ao abandonar a cidade, em demanda do cemitério, já na compressão das tábuas do ataúde... O que nos interessa no caso é o melhoramento que se vai obter. A Avenida Araguaia, como ficou dito, conduz ao campo santo. Deve por essa razão, ser de acesso confortável. A sua pavimentação é medida de alcance urbanístico... Só mesmo uma pavimentação especial, com sargetas largas e boeiros adequados, poderá resistir ao ímpeto das chuvas... Mas o administrador não quer apenas construir o piso: vai também arborizar a avenida. É o embelezamento simultâneo com a comodidade... Dirão os céticos que no recinto do caixão mortuário ninguém carrega esperanças. Mas as retinas apagadas levarão para o túmulo a última contemplação das pequenas massas de esmeraldas que a folhagem forma e agita ao vento. E quando assim não seja, que os olhos lacrimosos dos vivos tenham, entre torturas da saudade dos que se ausentam, o espetáculo da natureza em festa revelando que, a despeito das sepulturas, como disse o poeta, tudo é renascimento... É matéria administrativa em que encontramos ensejo de aplaudir mais uma vez a atuação do jovem homem público colocado a frente dos destinos municipais. A sua atenção foi voltada para a estrada do cemitério; o seu projeto melhora o percurso da derradeira viagem dos uberlandenses... Mas, favorecendo os vivos,

o governo municipal presta aos mortos o tributo do afeto oficial, que exprime o sentimento da coletividade. Para atenuar o sol causticante da vida e os solavancos da jornada, que tenham os mortos a ilusão de um passeio sobre o chão aplainado e sob a futura sombra do arvoredo da Avenida Araguaia, ao despedir-se da cidade. O prefeito Vasconcelos Costa, em resolução previdente e louvável, vai lhes permitir esse benefício póstumo. (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 31/12/1943. Ano 06, nº 1327, p.1)

Importante aqui mencionar que o ato de pavimentar a rua que dava acesso ao Cemitério Municipal inaugurado em 1928, pavimentação concluída no final da década de 1940 (O REPÓRTER. 29/08/1947. Ano 14, nº 1015, p. 2)², deve ser visto como recorrente. Essas melhorias já eram realizadas em outras cidades, como, por exemplo, Porto Alegre (DILLMANN, 2013, p. 236). Interessante notar dois aspectos nessa melhoria: O primeiro é que a rua escolhida não ligava a necrópole aos bairros populares e sim ao Centro de Uberlândia, ou seja, o conforto aludido na reportagem de fazer o último trajeto sobre uma via pavimentada e arborizada valia para os mortos e enlutados que partiam da região central de Uberlândia (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 30/07/1944. Ano 08, nº 1475, p.1)³. O segundo aspecto é que esses melhoramentos, até onde as fontes permitem ir, nunca foram alvo de discussão para a necrópole erigida em 1898 e que no momento jazia no mais absoluto abandono.

Mas, antes de adentrarmos na discussões acerca da melhorias ou falta delas nos cemitérios de Uberlândia é importante denominarmos no texto os espaços cemiteriais. Diga-se de passagem, que a história dos cemitérios

2. O artigo fala das obras de pavimentação realizadas pelos governos Vasco Giffoni e Vasconcelos Costa que dentre obras iniciou a pavimentação da Avenida da Saudade com pedra britada.

3. Essa matéria cita pavimentação apenas nas ruas do centro.

de Uberlândia é, por vezes, bastante confusa! Há inúmeros “vai-e-vem” do poder executivo quanto às decisões construtivas, a nomenclatura destes é dúbia e, não raro, embaça a análise e o número de cemitérios construídos e desativados neste curto espaço de tempo é bastante singular. Para tentar dirimir as dúvidas dos leitores é que elaborei abaixo a seguinte tabela:

TABELA 1: Breve cronologia dos cemitérios da cidade entre 1853 - 1953

Cemitério	Período de	Período como cemiterio	Local na cidade	Outros usos do espaço
Igreja e adro	1853-1881	1881 ¹	Centro	Rodoviária (década de 1940) Biblioteca (década de 1980)
Municipal	1881-1898	1915	Centro	Praça e Paço/ prefeitura municipal (década de 1910) Praça e Museu (década de 1980)
Municipal	1898-1928 ²	1953	Tabajaras	Estádio Municipal (década de 1950) Vila Militar (década de 1960)
Municipal (denominado São Pedro em 1953)	1928 -	Martins	

Todos os cemitérios edificadas, como visto na tabela acima receberam o nome de municipal. O único que recebera um nome específico foi o Cemitério São Paulo inaugurado em 1954, que não consta na tabela. Sendo assim, para facilitar a localização do leitor no decorrer do texto, o cemitério edificado em 1898 será denominado de Cemitério Municipal de

1898, enquanto que inaugurado em 1928 será denominado de Cemitério São Pedro, nome que recebera em 1953.

Voltando a década de 1940, a conseqüente modernização da economia brasileira contribuiu para que a cidade de Uberlândia recebesse empresas (RIBEIRO, 2006, p. 61-62). Pavimentar, embelezar, transformar. Uberlândia ganhou ritmo acelerado nesse momento. Isso ocorreu, muito em função da transição de uma cidade que tinha como principal referência da modernidade a ferrovia e que nesse momento adotou o transporte rodoviário e suas estradas como sinônimo do progresso (DANTAS, 2001, p.151). O plano e urbanização na década de 1950 na cidade *“consistiu em um planejamento que permitisse um crescimento mais ou menos ordenado, atacando pontos considerados de maior urgência para a prosperidade local”* (Idem, p. 158).

E como em todo processo de mudança, ainda mais quando se trata de progresso e desenvolvimento, o mesmo tem, conforme Dantas o seu preço: *“A exclusão social é grande, pois que a cidade não é produzida para todos, apenas uma parte usufrui dos produtos disponibilizados”* (Idem, p. 152). Essas questões são importantes para entender as melhorias em parte de cidade e em apenas uma necrópole, em detrimento do completo abandono da mais antiga. Essas escolhas entre os vivos e também para os mortos levaram a construção do Cemitério São Paulo em 1954 para os menos favorecidos, para os excluídos socialmente.

Esse modelo de desenvolvimento que ancorava-se no discurso do progresso, tinha também na expansão geográfica da cidade, na criação de novos bairros, forte apelo, fazendo com que a especulação imobiliária ganhasse força. O mesmo além de dar força a desigualdade social entre os vivos e onde os mortos iriam ser sepultados, em especial após 1954, passava, em nome do progresso, por cima de monumentos importantes para a vida dos uberlandenses. Um destes foi a demolição do templo, da capela que

abrigou o primeiro local de enterramentos da cidade para a construção de uma rodoviária (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 20/01/1944. Ano 07, n° 1341, p.1).

É neste período também que a cidade diversifica sua economia, ampliando charqueadas, frigoríficos, marcenarias e até mesmo recebendo fábrica de bebidas (DANTAS, 2001, p. 111-112). Também nesta década que as delimitações do espaço urbano ganham força, reforçando claramente quais as ruas e bairros que recebiam as fábricas, onde moravam os operários, como também onde ficavam as mansões em Uberlândia (OLIVEIRA, 2012, p. 36-37).

Os então denominados melhoramentos urbanos, como não poderiam ser diferentes, tinham como alvo o centro da cidade. Diferentemente da periferia da cidade, grandes somas de recursos foram gastos na área central, desde construções, remodelações de prédios públicos, como constante manutenção das ruas e avenidas. Essa medida de embelezar essa região da urbe também tinha como objetivo sanear a cidade de boates e bares que atuavam em ruas centrais (Idem, p.87). Esse zelo pela urbe tinha como objetivo colocar em prática, conforme explica Júlio César Oliveira, o trinômio: beleza, ordem e limpeza, onde:

as elites e a imprensa local conclamavam e impunham à sociedade em geral, por meio do poder público, medidas saneadoras, por exemplo, a obrigatoriedade de que as fachadas dos prédios privados fossem anualmente pintadas; a proibição de jogar lixo nas ruas e a determinação de que os edifícios considerados velhos e mal-conservados fossem demolidos (Idem, p.38).

Ainda assim, quem fomentava, desejava e idealizava uma cidade, com princípio de melhoramentos que visavam o novo, o limpo e o ordeiro, encontrava obstáculos para colocar esse modelo em prática (Idem, p.98).

Algumas questões contribuíram para essas dificuldades. Uma delas foi o crescimento da população na década de 1940. Segundo, Luis Carlos do Carmo, enquanto cidades como Araxá e Patrocínio decresceram em número de habitantes, Uberlândia, além de crescer sua população, superou nesse aspecto todas as cidades da região, inclusive Uberaba. De acordo com o autor os dados são os seguintes:

TABELA 2 - Crescimento populacional da cidade de Uberlândia e das cidades vizinhas entre 1900 e 1940⁴.

CIDADE	POPULAÇÃO 1900	POPULAÇÃO 1940	VARIAÇÃO CRESCIMENTO
ARAXÁ	34.017	14.679	- 56,84%
PATROCÍNIO	49.893	29.098	- 41,68%
PRATA	14.063	14.073	+ 0,07
MONTE CARMELO	16.602	21.973	+ 21,44%
PATOS DE MINAS	28.477	53.233	+ 86,93%
UBERABA	20.818	58.984	+ 183,33%
UBERLÂNDIA	11.856	42.179	+ 255,76%

Outro fator que dificultava colocar em prática com maior efetividade as políticas saneadoras foi o crescimento considerável da população residente na zona urbana, que naquele momento, de acordo com o projeto de lei nº 719 de 23/08/1955, eram considerados apenas os bairros com mais de 30 casas edificadas (LOPES, 2010, p. 92). Todo esse aumento no número de habitantes em Uberlândia também provocou a transição no município do rural para o urbano. No ano de 1940, quando então a população atingira a marca de 42.179 habitantes, metade dela morava na zona urbana. Mas, no

4. Tabela elaborada por: CARMO, 2000, p.44.

ano de 1950, o número de habitantes na área urbana ultrapassava os 35.000, conforme tabela abaixo.

TABELA 3: Distribuição rural/urbano da população de Uberlândia entre 1940 e 1970⁵.

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	TOTAL
1940	21.077	21.102	42.179
1950	36.467	20.284	56.751
1960	71.117	16.565	88.282
1970	111.640	13.255	124.895

No decorrer da década de 1950, período em que vai ser inaugurado o Cemitério São Paulo, o número de habitantes na cidade tem, além de um aumento muito superior à década passada, ainda sua população rural em um constante decréscimo conforme tabela acima.

Com esse quadro e com base nessas escolhas das administrações municipais de Uberlândia nas décadas de 1940 e 1950, os cemitérios também foram atingidos. Esse modelo de administração, melhoramentos urbanos e suas construções e desconstruções, também apareceram na permanência do Cemitério São Pedro edificado em 1928 e na desconstrução do Cemitério Municipal de 1898.

Os cemitérios uberlandenses em meio à expansão e à especulação urbana

“Câmara Municipal de Uberlândia. Relatório... Prefeito José Fonseca e Silva.... Capítulo VIII CEMITÉRIO. Foram sepultados no cemitério Municipal, em 1948, 658 cadáveres, sendo:... 25 arrendamentos de terrenos para sepulturas:

5. Tabela elaborada por: CARMO, 2000, p.45.

10 por 10 anos, 5 por 15 anos, 3 por 25 anos, 2 por 50 anos, 5 por perpétuos. Foram fornecidos 221 caixões para sepultamento de indigentes: 127 para adultos e 84 para crianças... a Prefeitura dispendeu a importância de Cr\$ 7.230,00. Com o aumento de população... o Cemitério vai se tornando insuficiente estando a Prefeitura em entendimento com o proprietário do terreno vizinho para sua ampliação” (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 23/02/1949. Ano 11, n° 2598, p.2).

A notícia acima citada revela, vinte anos após a criação do Cemitério São Pedro, a situação da necrópole para novos sepultamentos. Com o crescimento da cidade, e o aumento expressivo da população, não apenas o lugar para os vivos havia se tornado um problema para a administração municipal, como também o local de enterramentos em Uberlândia.

Antes desses números de sepultamentos apresentados de 1949, a prefeitura ciente da crescente de enterros, já em meados da década de 1940, tentara resolver a situação, através de reaberturas de sepulturas. Em 1944, pela primeira vez essa questão é aludida e publicada no principal periódico da cidade (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 07/09/1944. Ano 08, n° 1502, p.2). A prefeitura avisa que serão reutilizadas quadras de crianças e adultos, levando os leitores, segundo as fontes disponíveis, às seguintes conclusões: que em primeiro lugar não haveria mais espaço no cemitério com apenas 16 anos de uso. Em segundo lugar a antiga necrópole, além de não receber novos sepultos, nem ao menos seria cogitada para reabrir sepulturas e receber novas inumações.

Essas suspeitas ganham força pelos repetidos avisos acerca da situação de superlotação do Cemitério Municipal. Em 1946, o aviso, além de citar as quadras que serão reabertas, cita os nomes do falecidos (86 no total), filiação, data de sepultamento, número e quadra da sepultura (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 24/05/1946. Ano 09, n° 1920, p.3). Esses avisos

tornam-se recorrentes até a criação do Cemitério São Paulo em 1954.

Outro ponto importante a ser abordado refere-se aos sepultamentos que ocorreram em Uberlândia, nas décadas de 1940 e 1950, é o número de indigentes sepultados. Em 1949, conforme relatório apresentado pela prefeitura, cerca de um terço dos sepultamentos eram de indigentes. Conforme fonte citada no início deste tópico, 221 dos 658 caixões utilizados foram destinados para indigentes.

A grande preocupação do governo municipal naquele período parecia ser o que fazer com os novos sepultamentos. Digo parecia, porque na década de 1950 existiam outras preocupações do poder público. Um exemplo disto foi a lista de prioridades publicada no Correio de Uberlândia ao final do ano de 1951 (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 30/12/1951. Ano 14, nº 3314, p.3)⁶. Na lista de metas para o ano seguinte, consta a ampliação do Cemitério São Pedro como a número de 32, enquanto, por exemplo, a construção de um estádio como nona meta. Mesmo com o aumento da população e o conseqüente crescente no número de enterramentos (O REPÓRTER. 09/07/1951. Ano 18, nº 1323, p.3)⁷, parece que a questão do cemitério, nesse momento não tinha o mesmo apelo do que outros empreendimentos da prefeitura de Uberlândia.

Diante do impasse da lotação do cemitério em uso, toma corpo o projeto de construção de uma nova necrópole. Importante também nessa análise é que se pergunta sobre a razão de não cogitar o aproveitamento da antiga necrópole edificada em 1898, localizada no centro da cidade, em

6. No relatório são citadas 38 metas. A número 32 da lista é a ampliação do Cemitério Municipal, a nona da lista é o início da construção do estádio Municipal.

7. Nesse relatório é apresentado o número de enterramentos durante o primeiro semestre de 1951. Segue o texto: “O número de pessoas falecidas nesta cidade durante o primeiro semestre deste ano foi de 352, assim discriminadas pelos meses: jan. 78; fev. 58; mar. 52; abr. 58; mai. 48; jun. 58; total 352”.

um contexto de crescimento urbano, para escolher inaugurar um novo cemitério praticamente em um dos extremos de Uberlândia.

As escolhas, desde a edificação de uma praça, pavimentação de determinada rua e edificação de um cemitério, não são ingênuas e sem sentido. No caso de Uberlândia, do final da década de 1940, a decisão de construir um novo cemitério em uma área afastada do centro da cidade, acompanha a lógica do projeto de limpeza urbana. Nesse aspecto, essas escolhas são feitas diante do crescimento urbano, da população, impulsionando e ampliando as separações sociais representadas então pela demarcação dos espaços e usos da cidade.

No final da década de 1940, os loteamentos que surgiam para atender a demanda populacional, além de caros, eram desprovidos de condições básicas (SOARES, 1995, p. 106). As diferenças de tratamento entre o centro e as demais áreas da cidade vão crescendo na mesma proporção do aumento populacional do período. Salvo uma ou outra melhoria em algumas ruas de bairros, pouco ou nada é feito nas áreas periféricas de Uberlândia. Por outro lado, a área central, onde estava localizado o então denominado “velho cemitério”, que não recebia sepultamentos, é alvo de constantes obras. Nessas realizações estava contido o desejo de colocar em prática um novo traçado urbano, mesmo que fosse necessário para isso muitas demolições (Idem, p. 88).

Esse ato de embelezar o centro diz muito quando se pergunta o por que do não aproveitamento da “velha necrópole”. Uma simples resposta, referindo-se à lotação que a mesma já tinha no ano de 1928, quando da inauguração do Cemitério São Pedro, não seria o suficiente para explicar tal abandono. Acompanhando a lógica de expansão, crescimento e melhoramento da área central da cidade, onde *“a simples presença na zona urbana de palhoças e casas de taipa agride a classe dominante”* (LOURENÇO, 1986,

p. 19), um cemitério com túmulos marcados pelo tempo, pelo abandono e pela simplicidade de suas edificações, não convinha mais em uma área onde *“antigas construções são demolidas para construção de luxuosos palacetes ou modernos edifícios comerciais e públicos* (DANTAS, 2001, p. 147).

Um ponto importante ainda sobre o cemitério de 1898 é que seu entorno começa a receber melhorias no início da década de 1950. Esse fato é demasiadamente relevante, tendo em vista, que o mesmo não recebia atenção da municipalidade desde 1928, quando da inauguração do Cemitério São Pedro (O REPÓRTER. 13/01/1951. Ano 17, nº 1235, p. 1).

Nesse momento, início da década de 1950, dois fatos são importantes para analisarmos as melhorias na região onde estava localizado o Cemitério Municipal de 1898. O primeiro deles foi o lançamento do Bairro Tabajaras em 1947 e o segundo foi a ampliação do perímetro urbano em 1950. Ambas ações estão dentro do contexto de grande especulação imobiliária que atingiu o entorno e a antiga necrópole.

A última reforma no perímetro urbano, segundo decreto de Lei nº 11, havia ocorrido em 1938 (LIVRO DE LEIS DE 1936 A 1939. 30/03/1938. p.112-115). Nela, o cemitério de 1898 entra nesse perímetro. Também é importante mencionar que essa reforma no traçado da cidade que acabou por inserir essa necrópole no perímetro urbano foi acompanhada por um crescente número de loteamentos que foram abertos em Uberlândia, desde o final da década de 1930.

A criação do Bairro Tabajaras, no entorno do antigo cemitério, em 30/12/1947 por Olímpio de Freitas e Virgílio Rodrigues (PASTA: BAIROS INTEGRADOS, p. 3), segue uma tendência de valorização pela via da especulação das áreas centrais da cidade. Com isso, o cemitério e a área ao seu entorno que jaziam em abandono há pelo menos duas décadas, começam a receber atenção da administração para melhorias. E

A parte destacada em verde claro é onde localiza-se a área urbana, compreendendo além do Centro, os bairros Aparecida, Martins, Osvaldo e Tabajaras. A ampliação da área urbana passou a compreender o centro, os bairros Aparecida (antes Operário), Martins e parte do Osvaldo, e em decorrência, fez com que o Cemitério Municipal de 1898 adentrasse a área urbana, com o recém criado Bairro Tabajaras. O mesmo ocorre com o Cemitério São Pedro. A necrópole agora esta no limite da área urbana, ainda que com uma certa distância (aproximadamente 2 Km) do Paço Municipal (que abrigou um cemitério de 1881 antes de construída uma praça). Mas, em comparativo de onde iria ser edificada a nova necrópole da cidade, o Cemitério São Paulo, o Cemitério São Pedro não configurava distante do centro.

A velha necrópole municipal e o novo cemitério: Construções, melhorias e abandono.

Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva. CEMITÉRIO MUNICIPAL. Atendendo ao crescente progresso da cidade e conseqüentemente o aumento da população foi iniciado na Vila Brasil, frente as Avenidas Mato Grosso e Distrito Federal, a construção de uma nova necrópole, que irá atender aquela zona da cidade. (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 23/12/1953. Ano 16, nº 3819, p. 19).

A notícia da criação de mais um cemitério em uma cidade cujo crescimento populacional superou os 200% em menos de 40 anos em uma primeira leitura não seria algo tão significativo. Não somente o número de habitantes teve crescimento elevado, como o de mortos também.

Antes de trabalharmos a edificação da nova necrópole, que foi denominada São Paulo é importante observarmos a questão que envolve os indivíduos que são sepultados, com relação à sua condição econômica. Até a inauguração do Cemitério São Paulo em 1954, Uberlândia não possuiu

dois locais, duas opções para enterramentos simultaneamente. Mesmo que cemitérios não fossem desativados de imediato, ao criar-se uma nova necrópole, somente esta passava a receber enterros. Com essa observação, a criação de uma nova necrópole, concomitante à atividade da antiga, faz desse evento uma novidade na história dos espaços dos mortos de Uberlândia.

Tendo em vista que toda edificação parte de escolhas, o mesmo aconteceu não apenas com a criação do Cemitério São Paulo, mas também com a permanência do então denominado, São Pedro. Num momento de mudanças na paisagem e no espaço urbano em Uberlândia, como por exemplo, a edificação de um novo templo para a Igreja católica, derrubando o antigo para à construção de uma estação rodoviária, a edificação de um novo cemitério está dentro desse processo da criação de uma matriz civilizatória desejada (PESAVENTO, 2001, p. 12-13).

Com apenas uma necrópole em uso, era natural, como em muitos cemitérios do país (DILLMANN, 2013, p. 243), a mistura entre ricos e pobres em um mesmo espaço cemiterial. Essa dinâmica de enterramentos ocorreu no Cemitério São Pedro, conforme foto abaixo, do final da década de 1940, quando das proximidades de um túmulo suntuoso, há sepulturas simples, inclusive ao fundo, como as covas rasas. Além dessa diferenciação nas sepulturas e das condições sócio econômicas, vale a menção da criação do Cemitério São Paulo para tentar compreender questões que levaram a sua edificação, mas principalmente com as melhorias realizadas no Cemitério São Pedro e da extinção do Cemitério Municipal de 1898 no ano de 1953.

IMAGEM 1 - Foto. Jazigo da família Arlindo Teixeira. Cemitério São Pedro. Década de 1940.



Cemitério São Pedro. (Possivelmente década de 1940). CDHIS-UFU. Coleção João Quituba. Foto número 1562.

Dentro do processo de escolhas, o Cemitério São Pedro de 1928 foi alvo de melhorias, como, por exemplo, a reforma do muro (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 15/05/1952. Ano 15, nº 3408, p. 4). Após publicação de uma carta em que o conteúdo queixava-se do estado do muro do cemitério, o mesmo jornal, traz em suas páginas na semana seguinte, com detalhes a situação não apenas do muro, mas em que estado se encontrava o então “novo” cemitério (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 24/05/1952. Ano 15, nº 3414, p. 4). Depois dessa descrição do cemitério, em menos de dois meses, conforme citação abaixo, os problemas são resolvidos.

O cemitério de roupa nova.... os muros foram reparados e a parte principal de entrada para o povo está sendo pintada, como início para o muro todo que vai ser caiado. Dentro foram lavados os túmulos, varridas com cuidado as ruas, ajeitadas as árvores e as flores. Tudo limpo... no ar, o perfume

saudável do eucalipto. (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 02/07/1952. Ano 15, nº 3442, p. 4)

Esses reparos no Cemitério São Pedro, quase que imediatos após publicação no Correio de Uberlândia, nos levam a pensar em algo mais amplo o que uma simples reforma naquele local. É justamente nesse período, início da década de 1950, sob a administração do Sr. Tubal Vilela da Silva, que definições acerca dos cemitérios da cidade vão ser tomadas. Nesse momento, entre 1951 e 1954, vai ser definido o que se fará com a necrópole de 1898, com o São Pedro de 1928 e, ainda, se vai decidir pela criação de mais um local de enterramentos em Uberlândia.

Esse reparo no muro e no interior da necrópole citada, contrasta também com a situação de lotação e abandono que se encontrava o Cemitério Municipal (1898), onde desde 1928 pouco ou nada foi feito. Em compensação, quando das reclamações semelhantes, o Cemitério São Pedro passará por reformas, como por exemplo, a pavimentação das ruas no seu interior.

Processo nº 820. Projeto nº 637. A pavimentação das ruas principais do Cemitério desta cidade, constitui medida de real necessidade, não só para embelezamento da necrópole como também para facilitar o escoamento das águas pluviais, evitando estragos e inconvenientes graves. Uberlândia, em 11 de agosto de 1954. Tubal Vilela da Silva – Prefeito Municipal (PODER LEGISLATIVO. SÉRIE: PROCESSOS DA CÂMARA. ANO DE 1954).

Enquanto isso, o Cemitério Municipal, além de nunca ter recebido pavimentação, está por ser desativado. Existiam também problemas no muro daquela necrópole, não com relação ao seu desmoronamento, mas sim por cartazes afixados no mesmo. Essa prática veio a ser comentada em uma reunião da Câmara Municipal em 1952,

“o vereador Veloso Viana requer que seja solicitado ao senhor Prefeito Municipal a retirada dos cartazes colocados no muro do Cemitério Velho, considerando não poder aquele próprio ser utilizado para outra finalidade senão a de uso público” (ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL. LIVRO n° 041. 03/03/1952, p. 5 f.).

O fato do cemitério ser alvo de uma espécie de vandalismo, e ainda assim não ser mencionado em nenhum dos periódicos locais, dá uma noção do tamanho do abandono daquele espaço cemiterial.

Esse descaso para com o Cemitério Municipal de 1898, especialmente após a década de 1930, culmina em uma decisão do poder público municipal na década de 1950: sua desconstrução. Ao contrário do Cemitério São Pedro, que diante dos problemas e reclamações, recebe melhorias, o antigo cemitério da cidade, tem a demolição prevista no mesmo momento em que o São Pedro passa por constantes melhorias.

As leis municipais e as necrópoles uberlandenses

Dentre as decisões da administração municipal na década de 1950, estava a de aproveitar a área do Cemitério de 1898. A justificativa seria em transformar aquele espaço numa praça, ou para outra finalidade pública, conforme projeto de lei n° 215 de 1951 “Dispõe sobre o aproveitamento de área do Cemitério Velho”. (O REPÓRTER. 29/08/1951. Ano 18, n° 1357, p. 4.).

Esse projeto polêmico, como veremos a seguir, tinha amparo legal, não somente pela ação do legislativo e executivo, mas pelo código de posturas em vigor. Nesse documento quando trata dos cemitérios públicos no capítulo II, das disposições gerais, artigo 215 que trata da extinção dos cemitérios, o código indica o tempo de cinco anos após a interdição

ou fechamento dos mesmos. Esse tempo foi diminuído se comparado ao Código de Posturas aprovado em 1913 e que vigorou até 1950. Nele, conforme o art.533, o tempo mínimo para desconstrução de um cemitério era de dez anos após sua interdição.

Processo nº 357. Projeto nº 215. Assunto: Aproveitamento do terreno do Cemitério Velho. O antigo Cemitério desta cidade acha-se abandonado há longos anos e a sua extinção não só é recomendada como também encontra apoio em leis, dispondo sobre o assunto o Código de Posturas em vigor, que assim prescreve: Art. 215 – Os cemitérios poderão ser abandonados quando tenham chegado a tal grau de saturação que se torne difícil a decomposição dos corpos ou quando hajam se tornado muito centrais.

§ 1º - Antes de serem abandonados, os cemitérios permanecerão fechados por cinco anos, findo os quais sua área será destinada a praças ou parques, não se permitindo proceder-se aí ao levantamento de construções para qualquer fim...

Acresce ainda que não há vigilância e nem pessoa encarregada da conservação do cemitério e seu estado é de completa ruína, sendo de conveniência para os próprios interessados a trasladação dos restos mortais dos seus entes queridos para o atual cemitério, onde as sepulturas poderão ser cuidadas com o merecido cuidado. Prefeitura Municipal de Uberlândia, em 5 de Fevereiro de 1951. O Prefeito Municipal – Tubal Vilela da Silva. (PODER LEGISLATIVO. SÉRIE: PROCESSOS DA CÂMARA. 08/02/1951)

Sabedor destas mudanças no Código de Posturas, em um dos pareceres sobre o projeto de lei, o vereador e também relator, Pedro Schwindt, no mesmo processo, elogia a proposta de fazer da morada dos mortos uma praça:

Transformar-se o atual Cemitério Velho em um parque ou praça, seria para Uberlândia um melhoramento de real valor... Além disto, se considerarmos que ao lado do referido está sendo construída a Escola Vocacional, esta medida, encontra em parte, uma justificação, posto que serviria

não apenas de local de passeio como também de estudo e recreio... Ainda sob este aspecto é preciso que se considere que naquele local onde tantos foram e tiveram seu corpo transformado na matéria de onde surgiram, não poderá haver maior homenagem... cultivar flores sobre aquela terra. Pedro Schwindt – Relator (PODER LEGISLATIVO. SÉRIE: PROCESSOS DA CÂMARA. 08/02/1951).

Ter mais uma praça em Uberlândia, que já tinha 13 em seu espaço urbano, era motivo de alegria e orgulho, não somente para a cidade, mas para as localidades do interior do Brasil (SOARES, 1995, p. 96). Interessante lembrar que o Cemitério Municipal de 1881, deu lugar na década de 1910 a uma praça, que recebeu como edificação o Paço Municipal. A praça, bem como o jardim e as flores remetem ao que Fernando Catroga afirma de conotação otimista da flora (CATROGA, 1999, p. 131-132), seja no interior do espaço cemiterial, ou como no caso estudado, na substituição do antigo Cemitério Municipal.

Mas, no caso da desconstrução do Cemitério Municipal de 1898, o projeto que estava sendo colocado em prática tinha como fim a edificação de uma praça de esportes, o esperado Estádio Municipal. Esse projeto polêmico, sobre a edificação de um estádio em Uberlândia (PODER LEGISLATIVO. SÉRIE: PROCESSOS DA CÂMARA. 08/02/1951) na área que comportava o cemitério, já vinha desde a segunda metade da década de 1940. A primeira vez que é posta em pauta foi no ano de 1949, proposta oriunda de representantes de clubes de futebol que não possuíam estádio (PODER LEGISLATIVO. SÉRIE: PROCESSOS DA CÂMARA. Nº 195. 08/02/1949). O argumento era que tal empreendimento em conjunto com a remoção dos restos mortais para o outro cemitério seria “*de real interesse público*” (Idem). O fato foi que sob a administração de José Fonseca e Silva (1947-1950), o projeto de um Estádio não teve curso. Há um parecer que trata a matéria como “*melindrosa*”, diante da necessidade do consentimento

“das famílias proprietárias dos túmulos” (Idem). Mas, o que definiu a questão naquele primeiro pedido foi a desistência dos interessados, conforme justificativa da comissão de finanças.

Ainda em uma entrevista concedida ao jornal O Repórter em maio de 1951, o prefeito Sr. Tubal Vilela da Silva faz menção à construção de um estádio como um *“melhoramento indiscutível para o incentivo dos esportes e conseqüentemente do desenvolvimento físico da juventude”* (O REPÓRTER. 02/05/1951. Ano 18, nº 1277, p. 1 e 4). Em seguida, no mês de agosto entra em vigor a lei nº 192 que dispõe sobre a utilização da área do Cemitério Municipal, em que autorizava, em prazo de um ano, a remoção de todos os restos mortais (PODER LEGISLATIVO. SÉRIE: PROCESSOS DA CÂMARA. Nº 192. 23/08/1951). Importante observar que no final de 1951, em uma entrevista sobre as realizações e projetos, o prefeito cita a obra o Estádio e até mesmo a ampliação do Cemitério São Pedro, mas silencia sobre a reutilização da área do Cemitério Municipal de 1898 (O REPÓRTER. 25/12/1951. Ano 19, nº 1439, p. 15).

A questão que envolve a construção ou não dessa praça de esportes sempre está associada a extinção de Cemitério Municipal de 1898. No início do ano de 1952 é então anunciado que o Estádio Municipal seria construído no espaço que era o cemitério (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 10/02/1952. Ano 15, nº 3343, p. 5 e 6).

Esta administração vem procurando estabelecer o plano do Estádio Municipal... A Federação de Esportes do Estado de Minas Gerais... elaborou um projeto de construção, que já se encontra em poder desta prefeitura. A aquisição de um terreno central, para a construção pretendida, apresenta dificuldades e vem onerar demasiadamente o município... Para a construção do Estádio o terreno do antigo cemitério, não só pela sua magnífica situação, como também ao pertencer ao patrimônio municipal, é o que melhores conveniências oferece... 30 de julho de 1952. Tubal Vilela da Silva – Prefeito

Municipal (PODER LEGISLATIVO. SÉRIE: PROCESSOS DA CÂMARA. Nº 533. 30/07/1952).

Essa justificativa apresentada acima, mostra não apenas a dificuldade da prefeitura em obter uma área para o Estádio, mas como também a área em questão, do antigo cemitério, é boa e central para a prática de esportes e não mais para sepultamentos. Ainda sobre a localização da praça de esportes, a lei nº 322, que dispõe sobre o local, agora em definitivo do Estádio Municipal, cita o acordo com o Sr. Virgílio Rodrigues da Cunha. O mesmo senhor era dono da área próxima ao cemitério e ainda um dos proprietários do loteamento Tabajaras de 1947, o que permite intuir o interesse do referido senhor na extinção por completo do cemitério ante seu projeto imobiliário.

Esse empreendimento acompanhava um discurso reproduzido pela imprensa do período que *“reforçava a necessidade de construção de grandes obras, que materializassem o desenvolvimento de Uberlândia, uma vez que suas condições sócio/espaciais e econômicas colocavam-na entre as principais cidades do Triângulo Mineiro”* (SOARES, 1995, p. 125). A valorização do centro pela especulação fazia agora do recém criado bairro (foto abaixo), um local não mais associado a um cemitério abandonado, mas como o lugar que receberia um prédio de arquitetura moderna, entendendo que essas mudanças estão dentro de uma *“reapropriação do espaço que representa as novas percepções que foram se solidificando”* (DANTAS, 2001, p. 148).

IMAGEM 02 - Vista aérea do Bairro Tabajaras e Cemitério Municipal de 1898. Década de 1940.



Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Acervo imagens. AE DOADAS 5558.

Antes da saída em definitiva do Cemitério Municipal, conforme foto acima, possivelmente do final dos anos 1940, mostra o loteamento em construção, com a abertura de ruas, aos fundos da velha necrópole (à direita na imagem) que jaz em abandono. Na foto, além do cemitério, é possível ver o crescimento da cidade na direção norte com uma grande quantidade de terrenos vagos.

As obras para construção da praça de esportes de fato começaram em 1953 e com grandes dificuldades. Em outubro do mesmo ano, o prefeito convoca uma reunião para tratar da cooperação para a execução das obras ao ponto de noticiar o *“seu empenho em arranjar, gratuitamente, pedaços de trilhos com as estradas de ferro para a utilização nos serviços”* (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 10/10/1953. Ano 16, nº 3767, p. 4). O prefeito ainda contava com a venda de cadeiras para arrecadar a quantia de 3 milhões de

cruzeiros para ter condições do término da obra (Idem). Mesmo assim, no início de 1954, o governo municipal fez um empréstimo de 8 milhões para obras na cidade, entre elas “*redes e ferros para construção de alambrados e arquibancadas no Estádio Municipal*” (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 31/01/1954. Ano 16, nº 3846, p. 3).

Pelas notícias nos periódicos a campanha de arrecadação de fundo via venda de cadeiras cativas no Estádio Municipal não deu o resultado esperado. Na metade do ano de 1954, novamente é solicitada a colaboração para a venda das mesmas em caráter de urgência para segmento das obras (O REPÓRTER. 22/06/1954. Ano 21, nº 2052, p. 1). E no mês de setembro, do mesmo ano, é aprovado o projeto de lei nº 656 que autoriza o prefeito a gastar a quantia de até Cr\$ 1.000.000,00, previstas para o orçamento de 1955 nas obras do Estádio (PODER LEGISLATIVO. SÉRIE: PROCESSOS DA CÂMARA. Nº 656. 26/09/1954). Esses valores, estão bem acima dos que foram gastos na edificação do Cemitério São Paulo, e porque não afirmar, ao longo da existência do Cemitério Municipal que foi substituído para um campo de futebol.

Se a construção do Estádio Municipal não foi imediata o mesmo não pode se dizer da remoção dos ossos e preparo do terreno do antigo cemitério de Uberlândia. Este ocorreu conforme o previsto. Com a ideia de transformar o local em praça de esportes, salvo os relatos da prefeitura e dos clubes beneficiados, a obra não era bem aceita. Ainda no mesmo mês de julho de 1952, quando das discussões a respeito da retirada dos ossos da antiga necrópole, uma crônica não assinada questiona a elevada quantia de gastos e dos empréstimos que a administração municipal vinha fazendo e aplicando em serviços não relevantes, como a construção do Estádio (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 24/07/1952. Ano 15, nº 3458, p. 2). Com aval ou não da população o processo de desconstrução seguiu

seu curso. O prazo para requerer a retirada das ossadas, que estava por vencer em 23 de agosto, é publicado (O REPÓRTER. 20/08/1952. Ano 19, n° 1600, p. 3).

Conforme a lei n° 192, os restos mortais foram transferidos para o Cemitério São Pedro. No mesmo foi construído, para aqueles que lá não adquiriram uma sepultura para seus entes, uma sepultura comum. Para completar ainda essa questão que envolvia o aproveitamento da área do Cemitério Municipal de 1898, a terra da necrópole foi usada para tapar buracos de ruas. Isso gerou reclamações por espalhar no ano de 1954, conforme periódico, *“pó de cemitério”* pela cidade (CORREIO DE UBERLÂNDIA. 21/07/1954. Ano 17, n° 3975, p. 1). Como último ato, o cemitério agora desconstruído, tem em sua área a construção de um Estádio e sua terra, que um dia foi chamada de santa (Campo Santo), espalhada, na tentativa de resolver o trânsito dos vivos na urbe.

Todo esse processo que envolveu a desconstrução do Cemitério Municipal de 1898, o aproveitamento de sua área e a construção do Estádio Municipal, ocorreu paralelamente ao da construção de um novo cemitério. Se desde o final da década de 1940 se discutia o que fazer com a necrópole abandonada, também é do mesmo período a discussão com o que fazer diante do aumento de número de sepultamentos, tendo apenas um espaço de enterramentos na cidade.

A retirada de ossadas, diante da falta de pagamento ou renovação de arrendamentos, parecia ser insuficiente para dar conta da crescente demanda. Por essa razão, a administração municipal, ainda no ano de 1948, chegou até a sancionar a Lei n° 34, que previa ampliação do Cemitério Municipal edificado em 1928, mas a execução da mesma não ocorreu.

Considerações finais

As escolhas estão dentro de interesses e de uma função simbólica, que vão além de uma mera preferência, mas que estão relacionadas com a projeção de um ideal de cidade, nas questões que envolvem o objeto construído e desconstruído (SOARES, 1995, p. 128). Decisões que atingem a cidade dos vivos, também atingem a cidade dos mortos e vice-versa.

Todo o desenrolar do processo de não ampliação do Cemitério São Pedro teve como principal motivo a intenção de edificar um novo cemitério. É importante ressaltar que a Lei nº 34 foi promulgada na administração de José Fonseca e Silva (1947-1950), passado seu período à frente da prefeitura, seu sucessor, além e não tocar mais no assunto da ampliação conduz o processo de edificação do Cemitério São Paulo.

Entre as opções de ampliar um cemitério e criar outro espaço de enterramentos não foi cogitada a verticalização da necrópole existente. Tendo em vista que as necrópoles acompanharam em muitas localidades do Brasil o desenvolvimento das cidades, nesse caso de edificações verticais no cemitério, o mesmo não ocorreu na necrópole uberlandense. Uberlândia teve como marco de sua verticalização, o final da década de 1940 e dos anos 1950 (Idem, p. 133-135), em compensação o cemitério não teve projeto de verticalização e até hoje não possui gavetas.

A não ampliação do cemitério deu início ao processo 581 no ano de 1952. O mesmo tratou da questão cemiterial na cidade (O REPÓRTER. 22/11/1952. Ano 19, nº 1664, p. 2), que culminou na promulgação da Lei nº 342 que dispõe sobre a construção de um novo cemitério.

Este cemitério, o São Paulo, que permitia somente covas rasas, por no máximo cinco anos, abrigou os mortos dentro de uma perspectiva social, onde via de regra famílias com menor poder aquisitivo tiveram sua última

morada. Em contrapartida, o Cemitério São Pedro, terá sua manutenção garantida e seus problemas de lotação resolvidos.

E sobre o espaço do antigo cemitério, 55 anos após sua edificação, em definitivo desaparece para dar lugar ao estádio. De um lugar que recebia corpos sem vida e imóveis, para corpos com vigor físico e em constante movimento. Mas não por muito tempo. Se o cemitério durou 55 anos, o Estádio alcançou apenas 5 de existência. As razões não ficam claras. O fato é que em 1958 na administração Afrânio Rodrigues da Cunha (1955-1958), através da Lei nº 739 de 06/12/1958, é autorizada a demolição do Estádio Municipal para doar aquela área ao Exército Nacional (LIVRO DE LEIS ORDINÁRIAS. LIVRO nº 05 p. 173 v e 174 f.). E o que isto tem a ver com esse processo de construções e desconstruções de cemitérios em Uberlândia? Por ironia ou não do destino, em 1961, pela Lei nº 960 de 08/09/1961, o então prefeito Geraldo Mota Batista (1959-1962), autoriza o aproveitamento de materiais da demolição do Estádio Municipal na ampliação do Cemitério São Paulo (LIVRO DE LEIS ORDINÁRIAS. LIVRO nº 06 p. s/ nº).

REFERÊNCIAS

Documentos de arquivos

Acervo de imagens e mapoteca. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Acervo de imagens. CDHIS-UFU.

Câmara Municipal – Poder Legislativo. Uberlândia: Atas da Câmara Municipal realizadas de 1910-1955. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara. 1948-1961. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Código de Posturas de 1950. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Correio de Uberlândia (1943-1955). Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Livro de leis de 1936 a 1939. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Livro nº 05 e nº 06 – Livro de leis ordinárias.. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

O Repórter (1947-1955). Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Bibliografia

CARMO, Luis Carlos do. “Função de preto”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia-MG 1945/1960. São Paulo: PUC-SP, 2000 (Dissertação de mestrado)

CATROGA, Fernando. O céu da memória. Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal 1756-1911. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.

DANTAS, Sandra M. Veredas do progresso em tons altissonantes. Uberlândia (1900-1950). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia (Dissertação de mestrado), 2001.

DILLMANN, Mauro. Morte e práticas fúnebres na secularizada República: a irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX. São Leopoldo: Unisinos (Tese de doutorado), 2013.

LOPES, Valéria M. Uberlândia: histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos. Memórias, construção e apropriações dos espaços. Uberlândia: EDUFU, 2010.

LOURENÇO, Luis A. B. Bairro do Patrimônio: salgadeiros e moçambiqueiros. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 1986.

OLIVEIRA, Júlio César de. Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960. Uberlândia: EDUFU, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma outra cidade. O mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

RIBEIRO, Raphael A. Almas enclausuradas: prática de intervenção mé-

dica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970). Uberlândia. UFU (Dissertação de mestrado), 2006.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: da Cidade Jardim ao portal do Cerrado. Imagens e representações do Triângulo Mineiro. São Paulo: USP, 1995 (Tese de doutorado).

(Footnotes)

1. Após a construção do primeiro cemitério municipal em 1881, o adro deu lugar a uma praça e ampliação da capela. A capela Matriz de Nossa Senhora do Carmo foi demolida em 1944 após a edificação de uma nova matriz com um novo nome de Santa Terezinha localizada na praça hoje central denominada Tubal Vilela da Silva. No espaço da primeira capela então foi construída uma estação rodoviária que desde a década de 1980 funciona uma biblioteca.

2. Até 1928 somente este cemitério recebeu sepultos. Com a criação de outro espaço cemiterial, até onde as fontes permitem ir, poucos sepultamentos foram realizados no então, como denominado pelas Atas da Câmara, “velho” cemitério. A grande maioria dos sepultamentos entre 1928-1953 foi no cemitério denominado São Pedro.

Resenha